

Bloco de Notas

O próximo Kosovo?

“Presevo: o próximo Kosovo?”. É este o título preocupante de uma análise publicada no último número da “Jane’s Intelligence Review” sobre a situação no vale de Presevo, região sérvia que faz fronteira com o sudeste



do Kosovo. O que se está a passar, diz John Schindler, o autor do artigo, é muito semelhante ao que se passou nas fases iniciais do conflito do Kosovo. É uma “guerra em gestação” que poderá “vir a ser o próximo conflito nos Balcãs e a próxima fase da luta pela Grande Albânia”. As provocações albanesas têm sido constantes e a resposta da polícia sérvia tem sido imediata. A situação nesta região da Sérvia de maioria albanesa (em Presevo 90 por cento da população é albanesa) degradou-se consideravelmente com o final da guerra do Kosovo e a fuga para a zona de muitos sérvios, acusados de cometer actos de violência contra a população local. A repressão policial aumentou, a economia entrou em colapso e a resistência albanesa organizou-se. Belgrado tem afirmado que se trata de acções de guerrilheiros do UÇK (Exército de Libertação do Kosovo) infiltrados na região, mas Schindler afirma que, embora o movimento em Presevo seja alimentado por homens que lutaram ao lado do UÇK no Kosovo, é basicamente uma força local, pronta a defender aquilo a que chamam “Kosova Lindore” – Kosovo Oriental. ■

A força militar da ONU

As Nações Unidas deveriam ter uma força militar própria, defende Michael Clarke na “The World Today” de Junho. Não há falta de países a contribuir com tropas para as missões da ONU, mas muitas vezes essas missões são tecnicamente frágeis e difíceis de comandar – há quantidade, mas isso não significa qualidade. Quando as crises são muito graves, e por isso mesmo mediáticas, ou quando afectam os interesses de algum dos poderosos membros da ONU, são mobilizados meios adequados e eficazes. A conclusão de Clarke é que as Nações Unidas estão cada vez mais dependentes das contribuições dos países da NATO e dos Estados europeus. E, quando a missão é verdadeiramente importante, a tentação destes países é contornar a ONU e tomar conta da operação, escapando assim às limitações e complexidades técnicas de uma missão multinacional. A solução, segundo Clarke, é a própria ONU passar a ter uma força



Coordenação: *Alexandra Prado Coelho*

própria, que possa ser mobilizada rapidamente e que tenha capacidade para manter a ordem por um período de seis meses mesmo em situações de crise como, por exemplo, a da Serra Leoa, onde a Grã-Bretanha assumiu, com sucesso até aqui, o controlo da situação.

Mediterrâneo em mudança

É preciso olhar com atenção para o Mediterrâneo. A União Europeia tem vindo a desenvolver uma política para a região, graças à pressão exercida pelos países do Sul (Espanha, Portugal, França, Itália), e os Estados Unidos também estão atentos. Mas o Norte de África está a sofrer mudanças importantes e as políticas ocidentais devem tê-las em conta. Segundo Ian O. Lesser, na “Política Exterior” de Maio/Junho, há “uma nova geopolítica do Mediterrâneo Ocidental”. A Argélia já não corre o risco imediato de se transformar num Estado islâmico e o país começa a reassumir o seu antigo protagonismo na cena internacional (ou pelo menos regional). Tem vindo a procurar uma relação mais equilibrada com a Europa, sobretudo a França, mas também com os Estados Unidos. Em Marrocos, Mohamed VI sucedeu ao seu pai, Hassan II, e iniciou igualmente uma fase de transição. Mas, ao mesmo tempo, os islamistas têm-se mostrado mais activos. Na Líbia, que começa lentamente a sair do seu isolamento internacional, a grande incógnita é precisamente a transição de liderança no fim da “era Kadhafi”. São três evoluções importantes em países com grandes ligações à Europa, agora também no domínio energético, com o gás natural. ■

Crianças chinesas sem casa

São cada vez mais as crianças a dormir na rua nas cidades chinesas – um problema que Beijing tarda em reconhecer e admitir. A “Far Eastern Economic Review” fez uma reportagem sobre estas crianças que saíram das suas casas porque as famílias não tinham possibilidade de as sustentar, ou porque os pais morreram, ou foram presos, ou ainda porque eram vítimas de abusos físicos e psicológicos por parte dos familiares. Fontes citadas pela revista afirmam que só quando despertar para o problema é que o Estado chinês conseguirá reagir. Um professor de sociologia da Universidade de Shangai considera que o Governo tem que melhorar o seu sistema de segurança social para que as famílias possam manter as crianças (na China há cerca de 100 milhões de pessoas a viver com menos de um dólar por dia) e promover os conceitos de ajuda e solidariedade que, com a introdução da economia de mercado, têm tendência a desaparecer. É também fundamental mais dinheiro para os orfanatos, que conhecem situações económicas dramáticas. ■

